

***O Ano do Dilúvio*, de Margaret Atwood**

Renata Pires de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Brasil

ATWOOD, Margaret. **O Ano do Dilúvio**. Tradução de Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 470p.

As distopias estão comumente associadas a contextos históricos particulares. De tal modo, especula-se que elas sucedam de acordo com diferentes fases ao longo da história. A primeira delas diz respeito aos regimes totalitários, ao medo do Estado, relacionada à Segunda Guerra e aos governos opressores que deslegitimam a liberdade. Exemplos literários não faltam: *Admirável Mundo Novo*, *1984*, *Fahrenheit 451*, *Laranja Mecânica*, só para citar os mais populares do gênero. A segunda fase parece marcada por certa ansiedade em relação ao corpo, decorrente da Guerra Fria e das políticas de identidade (*O Conto da Aia*, *V de Vingança* e *Não Me Abandone Jamais*). Já a terceira engloba romances para jovens adultos, assinalados pela insipidez da cultura pop, o 11 de Setembro e a Guerra ao Terror (exemplo: *Jogos Vorazes*). Há quem se pergunte sobre a próxima fase: robótica, crises ambientais, bioengenharia?

Eu diria que ela já se desenrola. Além da narrativa de ficção especulativa com elementos bárbaros de uma distopia totalitária, como é o caso de *O Conto da Aia* (*The Handmaid's Tale*, 1985), já mencionado, a escritora canadense Margaret Atwood veio a publicar *Oryx e Crake* (*Oryx and Crake*, 2003): ficção pós-apocalíptica que desenha uma sociedade elitista e avançada em termos tecnológicos, a qual se depara com uma pandemia que eclode simultaneamente em diversos países do mundo. A autora se encontraria mais ou menos na linha de Huxley e Orwell, com o diferencial de que introduz novas propriedades na sua narrativa, estas concernentes às atuais preocupações

139

Resenha

O Ano do Dilúvio,
de Margaret
Atwood

Renata Pires de
Souza

de caráter ambiental (ao lado da ciência e da bioética, talvez já exploradas à exaustão), sugerindo uma remodelagem do vínculo que temos com o planeta.

A atmosfera de catástrofe que emana do enredo do impactante *Oryx e Crake* volta com força total em *The Year of the Flood*, publicado em 2009, e traduzido para o português como *O Ano do Dilúvio*, em 2011, por Márcia Frazão. O livro não é uma sequência do anterior, pois sua narrativa gira em torno do mesmo acontecimento – embora de um ponto de vista diferenciado – e utiliza alguns dos mesmos personagens. Na primeira obra, a história é focalizada, sobretudo, pela perspectiva da elite, enquanto a segunda dá voz a grupos marginalizados, como os controversos Jardineiros de Deus, ecorreligiosos que pregam o vegetarianismo, o respeito aos animais e que acumulam mantimentos na iminência do que eles mesmos chamam de Dilúvio Seco.

Da mesma forma que em *Oryx e Crake*, a narrativa de *O Ano do Dilúvio* se dá por um esquema de *flashbacks*, agora tendo duas mulheres como personagens principais: a intrépida Toby e a vulnerável Ren, ambas a batalhar pela sobrevivência quando a maior parte da população já se encontra dizimada. Como protagonistas, conseguem imprimir maior sensibilidade ao enredo; não necessariamente por serem mulheres, mas porque sua luta visível traz à tona um sentimento de esperança não experimentado com o livro anterior, cujo protagonista apático representa quase uma miragem. *O Ano do Dilúvio*, aliás, tem um tom um pouco menos cáustico, mas justamente por isso parece mais doloroso, cruciante, já que a selvageria insinuada antes agora se materializa.

Para além do tema batido do fim dos tempos, Atwood ainda problematiza a constituição da sociedade por meio de tópicos como engenharia genética, bioética, aquecimento global, sustentabilidade, consumismo, violência, alienação, a existência de Deus: “O excesso de Deus provoca *overdose*. Deus precisa ser filtrado” (p. 359). E, ao contrário do que se possa prever, não existe espaço para a dicotomia bem e mal, visto que, muitas vezes, os manipuladores são vitimados, e as aparentes vítimas estão engajadas em algum tipo de manipulação. Um exemplo disso são os incoerentes Jardineiros de Deus, pela hipocrisia ao condenar ações que eles mesmos executam (ou podem vir a executar), como ingerir carne:

Abundantes são os matos sagrados
E maravilhosos de se ver –
De Deus são presentes que foram dados

140

Resenha

O Ano do Dilúvio,
de Margaret
Atwood

Renata Pires de
Souza

Para o homem de fome não morrer.

(do *Hinário Oral dos Jardineiros de Deus*, p. 147)

E se o horror da fome nos guiar,
E se a carne formos obrigados a comer,
Que Deus nos perdoe pela nossa quebra de votos,
E abençoe a vida que iremos sorver.

(do *Hinário Oral dos Jardineiros de Deus*, p. 380)

Entre os Jardineiros, existe qualquer tipo de ser humano, desde criminosos aparentemente convertidos a crianças inocentes e senhoras que lidam com ervas e animais – todos, de uma forma ou de outra, ejetados da sociedade padrão e acolhidos na nova comunidade alternativa. De maneira irônica (ou não), os líderes e sublídres da seita se autointitulam Adãos e Evas, cada um com uma função e número específicos. Contudo, entre uma escapada aqui e ali, há sempre um membro disposto a devorar um suspeito *SecretBurger* ou a beber um delicioso café transgênico *Happicuppa*, franquias bem-sucedidas do mundo capitalista fictício, com as quais a autora nos diverte. Logo se vê que a valoração exagerada dos “abundantes matos sagrados” pode fazer parte de uma ideologia falha e/ou cínica.

A questão é que esse misticismo meio hippie pode ser interpretado como paródia, ao mesmo tempo em que pode ser levado a sério. Esse é o principal estratagema da obra: a ambiguidade nada fortuita. Mas não só com os *Hinários* e os sermões dos Jardineiros somos confundidos em meio aos capítulos. As grandes corporações que, no livro anterior, comandavam a sociedade estão de volta, perspicazes em mais inovações científicas e tecnológicas, porém mais opressivas do que nunca. Bem como as estranhas crenças dos ecorreligiosos, cabe ao leitor avaliar se os duvidosos experimentos genéticos realizados pela CorpSeCorps representam boas escolhas para o planeta. Queremos ser substituídos por um grupo de humanoides de pele colorida? De que valem belas crenças e a ciência espetacular em meio à absoluta estupidez humana?

Certamente, são alguns dos questionamentos cruciais levantados pela leitura de *O Ano do Dilúvio*. Essa primeira edição traduzida para o português nos dá acesso ao mundo altamente inventivo e ameaçador criado por Atwood. Ademais, esse universo, apesar de ficcional, está muito próximo da nossa realidade concreta e talvez por isso seja quase tangível, a ponto de sentirmo-nos inseridos dentro daquela sociedade arruinada –

Resenha

O Ano do Dilúvio,
de Margaret
Atwood

Renata Pires de
Souza

em uma eterna simulação da vida: sem tempo, sem espaço, sem moral. “O teclado da moral humana é limitado [...]: não há nada onde você possa tocar que já não tenha sido tocado. E, queridos amigos, lamento dizer que esse teclado tem suas notas baixas” (p. 449). O desfecho da obra, portanto, fica suspenso sobre esse teclado de notas alternadas: não há um dispositivo *Deus ex machina*, tampouco fortuna ou desdita.

Recebido em 21 de outubro de 2012.

Aprovado em 10 de novembro de 2012.

142

Resenha

O Ano do Dilúvio,
de Margaret
Atwood

Renata Pires de
Souza